

# Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque

82/04/25  
Estado de  
São Paulo

SBH  
Hp 22-220  
(1/3)

MAURÍCIO IELO

Ele era paulistano: nasceu no bairro da Liberdade em 11 de julho de 1902. Faria, portanto, 80 anos. Mas o sobrenome revelava as antigas origens. O pai era pernambucano, assim como todos os demais ancestrais do lado paterno: Christhovam Buarque de Holanda Cavalcanti. Teve, na infância, uma vida bastante tranqüila. E como dizia seu amigo Sérgio Milliet, ambos faziam parte de uma espécie de *jeunesse dorée* da então provinciana São Paulo. "E como não nos faltasse tempo, líamos muito, líamos tudo, ele em particular, que nos trazia as notícias mais recentes da vida intelectual e artística do ultramar. Por ele soubemos de alguns franceses ilustres mas, principalmente, das revoluções que se processavam nas letras inglesas e alemãs", escreveu o amigo em 1964, lembrando aqueles velhos tempos em que a seriedade não era o forte de Sérgio Buarque de Holanda.

Sua curiosidade e disposição — a postura alta (1,78m), a falta de seriedade com que encarava o que fazia —, coincidiam com o exato momento em que na acanhada São Paulo surgiam os modernistas e sua Semana de Arte. Não poderia ser de outra forma: ele se torna um dos mais jovens participantes, embora já estivesse morando no Rio de Janeiro. Afinal, era bastante conhecido na cidade. Havia passado pelos principais colégios — o Caetano de Campos, e escola pública-modelo de São Paulo, o Colégio de São Bento e o Diocesano, os mais importantes entre os particulares. Foi nos tempos de colégio que estreou como crítico literário, com apenas 17 anos, no *Correio Paulistano*, levado por Afonso Taunay, que já ouvira falar de suas qualidades. No entanto, foi através de Guilherme de Almeida que entrou em contato com a revolução estética que surgia na capital paulista. Quando os modernistas fundam sua revista, *Klaxon*, Mário e Oswald de Andrade o nomeiam seu representante no Rio. Na então capital brasileira, frequentando os salões literários da livraria Freitas Bastos, conhece Prudente de Moraes Neto (Pedro Dantas) e começa a redigir com ele uma nova revista: *Estética*. Nesta, colaboram Ronald de Carvalho e Graça Aranha. O espírito inquieto, que revelava o pesquisador e o crítico, se aguçava cada vez mais.

Foi nessa época que se formou em Direito pela então Universidade do Brasil, tendo como colegas de turma Prado Kelly e Vasco Leitão da Cunha. Mas a mente já se encaminhava para o estudo da história brasileira, suas instituições. Mesmo o curto período em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, não conseguiu fazê-lo se afastar da pesquisa. Foi para aquela cidade como promotor público, após sua formatura em Direito.

Mas o irrequieto Sérgio Buarque

de Holanda não ficou muito tempo na pacata Cachoeiro, mesmo tendo fundado um jornal local. Em 1929, embarca para a Alemanha, onde ficou dois anos como correspondente das publicações modernistas, de *O Jornal*, do Rio, e traduzindo para o português os textos da revista comercial *Duco*, dedicada ao comércio entre os dois países. Tudo isto além de frequentar vários cursos de extensão universitária. Anos depois, reconheceria que essa foi uma fase muito difícil em sua vida.

De volta ao Brasil, dois anos mais tarde, ingressa na *Associated Press*, tornando-se redator-chefe da agência de notícias norte-americana — já havia trabalhado nela e na antiga *Havas* na década de 20. Paralelamente, torna-se professor quando o prefeito Pedro Ernesto funda a

Universidade do Distrito Federal, como assistente de Henri Hauser na cadeira de História Moderna e Econômica da Faculdade de Filosofia. Com o regresso de Hauser à Europa, ele assume a cátedra, além da cadeira de Cultura Luso-Brasileira e Literatura Comparada da Escola de Economia e Política.

É nossa época que lança seu primeiro livro, "Raízes do Brasil" (ver matéria abaixo), mas somente em 1939, em plena vigência do Estado Novo, se torna permanentemente crítico literário ao substituir Mário de Andrade — o mesmo que anteriormente, o fizera representante no Rio — numa coluna dominical no *Diário de Notícias*. E assume também a chefia da seção de publicações da Biblioteca Nacional. Anos mais tarde, ele admitiu que o período de



Em 1936, Sérgio Buarque publicou "Raízes do Brasil"

## Entre as obras, o clássico chamado 'Raízes do Brasil'

Considerado um dos mais brilhantes historiadores brasileiros, Sérgio Buarque de Holanda é citado pelos seus próprios pares como um verdadeiro "Batalhador" para que os caminhos nacionais fossem melhor entendidos no Brasil. Exemplo disso é o livro "Raízes do Brasil", publicado em 1936, elogiado por todos na época e sua obra mais conhecida até hoje. Foi com este volume que a Editora José Olympio iniciou a coleção "Documentos Brasileiros", vendo-se obrigada a publicar várias edições devido à procura. Em 1956, data da sua terceira edição, o livro já estava traduzido para o espanhol e o italiano — a edição tinha mais algumas páginas de complementação já que 18 anos se passaram da primeira publicação.

Em poucas linhas, o escritor Tito Lívio Ferreira define "Raízes do Brasil": "Sérgio Buarque de Holanda reúne em seus trabalhos o historiador ao estilista: claro, conciso e consciencioso". Ou ainda, na palavra de Antônio Cândido: "Considero uma das mais altas organizações intelectuais do Brasil. Erudito profundo, de uma formação universal, é ao mesmo tempo um grande especialista no seu setor próprio:

história econômica do Brasil. Ao lado disso, uma sensibilidade rara, que o torna um dos mais finos críticos que temos tido".

Mas é no livro "História da Intelligência Brasileira", volume VII, de Wilson Martins, que se encontra uma análise maior da obra. Segundo Wilson Martins, o historiador retoma desde as origens, em "Raízes do Brasil", o estudo de formação enquanto nacionalidade, fazendo um retrato essencialmente psicológico e comparativo. Para Martins, Sérgio Buarque de Holanda opõe o "aventureiro" ao "trabalhador", o acaso ou a desordem ao método, o rural ao urbano, o conceito burocrático ao conceito heróico de Estado. No *Suplemento Literário*, de *O Estado*, em 1957, Wilson Martins revelou que a primeira originalidade de "Raízes do Brasil" é que seu autor abandonou deliberadamente o esquema histórico e descritivo em favor de uma tentativa de interpretação psicológica: "É um autor que tem da história não uma visão 'histórica' no sentido comum, e, por assim dizer, clássico da palavra, mas uma visão sociológica, numa feliz conciliação entre o individual e o coletivo".

SBH  
Hp 22 P 220  
(213)

crítico — um dos mais importantes do País — não lhe dava saudades. “Nunca tive, realmente, muito amor à crítica, que fiz em caráter transitório, como ganha-pão”.

No pós-guerra se transfere para São Paulo, onde leciona na Escola de Sociologia e Política, e assume a direção do Museu Paulista, em substituição a Afonso Taunay, a mesma pessoa que publicara seus primeiros artigos, pouco antes fora candidato a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro. Na “Sociologia”, foi professor de História Econômica do Brasil, e participou de vários congressos internacionais promovidos pela Unesco.

Em 1952, no entanto, mais uma mudança para o Exterior. Nomeado adido cultural brasileiro em Roma, Sérgio Buarque de Holanda seguiu para lá com sua família, mulher e sete filhos. Nos dois anos que passou na Itália acumulou o cargo de professor de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma. Nessa época, já havia publicado várias outras obras, como “Cobra de Vidro”, “Monções”, “Caminhos e Fronteiras”, muitas delas já traduzidas para outros idiomas. Em sua casa, no bairro do Paqueta, sempre mostrava aos visitantes a segunda edição de “Raízes do Brasil” — um livro sobre o qual, há pouco tempo, afirmou que não mais o escreveria daquela maneira —, editada no Japão.

Em seu regresso a São Paulo, passa a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde ocuparia a cátedra de História da Civilização Brasileira, a partir de 1956. Neste cargo ficou até o final de 1969, quando, em solidariedade aos colegas que foram cassados, se aposentou. E repetia sempre que não fora cassado, como muitos pensaram inicialmente. “Fiquei apenas um dia a mais do que eles”, dizia. Foi ainda nesse novo período em São Paulo que foi eleito, em 1958, para a Academia Paulista de Letras, exatamente na vaga de Afonso Taunay. “Fizeram-me candidato sem que o soubesse, da mesma maneira que me elegeram.” Seu espírito crítico fez com que assumisse a vaga apenas três anos depois de sua eleição. Pelo mesmo motivo — não se considerar um “acadêmico” —, recusou várias indicações à Academia Brasileira de Letras.

Aposentado, Sérgio Buarque de Holanda continuava a pesquisar e a escrever. Seu último livro, “Tentativas de Mitologia”, foi publicado em 1980, mas as obras mais antigas ainda eram reimpressas. Nos últimos anos, no entanto, temendo a morte, ele concluiu a enorme “História Geral da Civilização Brasileira”. Mesmo assim, trabalhando em ritmo intenso para ver concluída sua obra, sobrava tempo para, com ironia e espírito de diversão, lembrar que atualmente ele era mais conhecido como o “pai do Chico”. “Por algum tempo”, dizia, “o Chico era quem aparecia como o ‘filho do Sérgio.’”

# O mundo intelectual reage diante da notícia inesperada

A notícia da morte de Sérgio Buarque de Holanda chegou ao meio intelectual, gerando as mais diversas reações:

**Raimundo Faoro**, jurista e historiador, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil: “Estou muito sentido, perdi um grande amigo. O maior historiador brasileiro dos últimos tempos, um grande escritor, que tinha magia para escrever a história, aliando a pesquisa ao gosto literário. Pessoa admirável sob todos os pontos de vista. Todas as gerações lhe são contemporâneas. Deixa uma obra importantíssima, um pouco dispersa, que deveria ser levantada, reunida e editada”.

**Afonso Arinos**, professor, ex-ministro e ex-senador: “Já sabia da morte de Sérgio Buarque de Holanda, que era casado com minha prima-irmã. Estou muito atingido. Era dos meus mais velhos amigos, representava uma espécie de guia e líder da cultura. Pode e deve ser considerado uma das mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira”.

**Sábato Magaldi**, crítico teatral: “Sabia que não estava bem de saúde, mas não esperava por esta notícia: estou bestificado. Uma grande figura desaparece. Grande sensibilidade, excelente crítico, historiador agudo, um sábio dos poucos que conhecemos”.

**Alexandre Eulálio**, escritor: “Certamente um dos maiores escritores da língua e, do grupo dos modernistas, um dos mais expressivos. Um dos fundadores da nova visão do Brasil. Eu o vi há dois meses e o que sempre me fascinava era sua alegria e interesse pela vida”.

**Francisco Iglesias**, historiador: “Sua morte é minha maior tristeza. Um grande amigo pessoal que me fez colaborar em seus livros. O Brasil perde o historiador mais culto. Uma vida intelectual que nunca cuidou de ganhar dinheiro. Foi mais historiador que professor, um estilista admirável. Suas obras valem mais pela forma literária”.

IELO, Maurício. Às vésperas dos 80 anos, a morte de SBH // O ESTADO DE SÃO PAULO // São Paulo, 25 abr 1982 p. 38

SBH  
Hp 22-Ex 20  
(3/3)

Artigo sobre a morte e as obras de Sérgio com comentários feitos por intelectuais.

SBH/r

82/04/25-3b

O Estado de S. Paulo



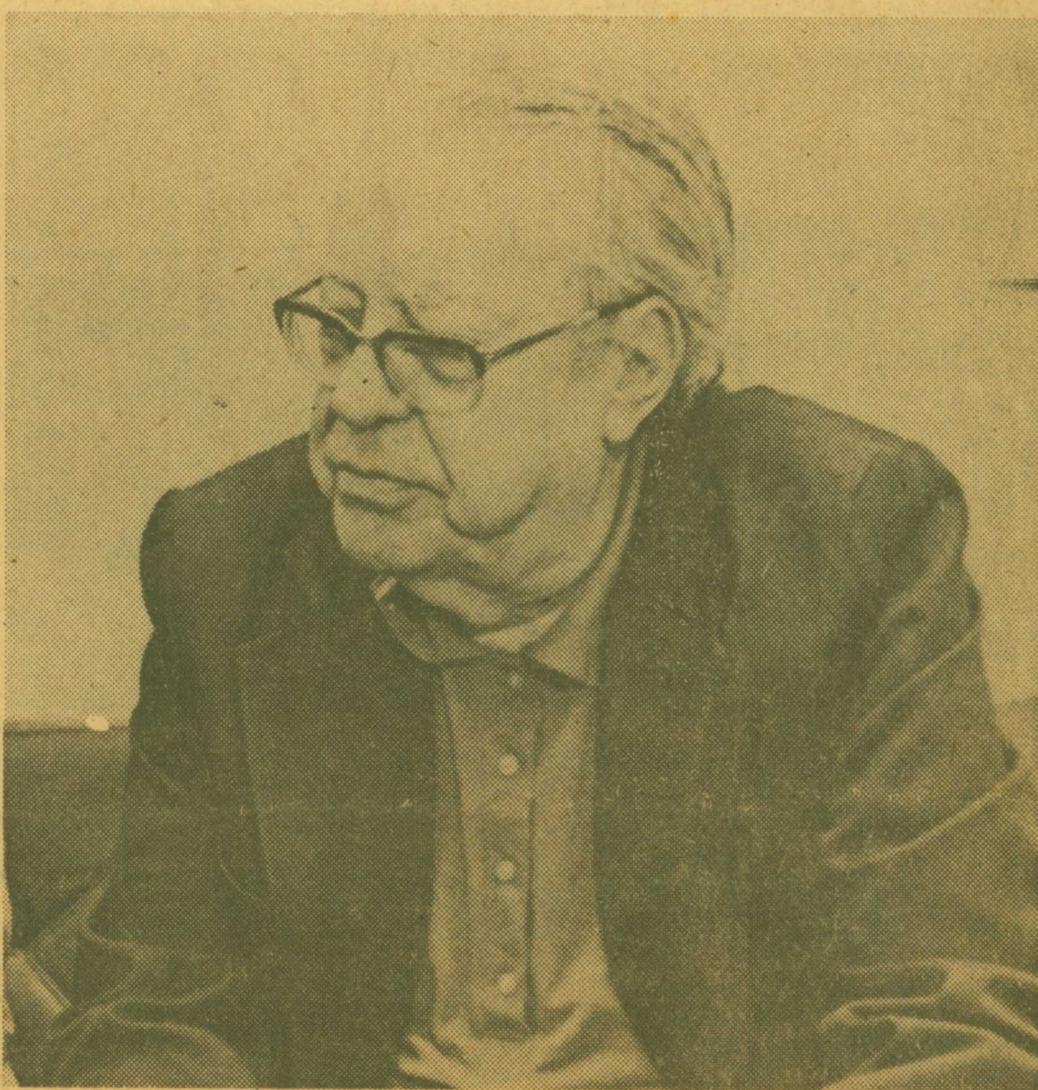
Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)

O clã dos Buarque de Holanda está sob o impacto da morte do seu patriarca, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que morreu ontem, às 9h30, quase aos 80 anos, em sua casa, localizada numa rua tranqüila do bairro do Pacaembu, em São Paulo. A jornalista Tereza Cesário Alvim, cunhada do escritor, disse que a morte foi uma surpresa para a família. "Ainda ontem pela manhã ele tomou café na cama e se dizia disposto. Pediu ao seu enfermeiro para ir ao escritório, ao lado do quarto, mas ao tentar se levantar caiu morto. "Segundo informou o diretor de teatro Fernando Peixoto, genro do historiador, Sérgio Buarque de Holanda se encontrava doente há 15 dias, com uma crise de pneumonia, "mas ao que parece ele sofreu um colapso cardíaco". O diretor lembrou que até 20 dias atrás ele se dedicava aos três ou quatro livros que estava escrevendo, ainda sem títulos.

Aos poucos, chegaram ao local seus sete filhos: Heloísa Maria (Miúcha), Sérgio, Alvaro Augusto, Chico, Ana Maria (Bahia), Maria do Carmo

(Pi) e Maria Cristina, além da neta Bebel, filha de Miúcha, e João Gilberto. A família do historiador proibiu que a imprensa entrasse no interior da residência e impediu qualquer tipo de filmagem ou fotografia. Dona Amélia, mulher de Sérgio Buarque, afirmou que assim estava respeitando o desejo do marido, que pediu antes de morrer um velório simples e sem flores. A imprensa só foi autorizada a comparecer hoje, às 10 horas, no Cemitério da Vila Alpina, onde o corpo será cremado. Até às 15 horas de ontem, nenhuma personalidade do mundo intelectual tinha comparecido à residência do historiador.

O crítico literário, Fábio Lucas, surpreso, não contava com a morte do amigo. "Sérgio era o escritor mais vivo da literatura brasileira dos últimos 50 anos. Um renovador de nossa historiografia, com uma cabeça aberta às críticas e às inovações. Perdemos um grande humanista, cuja formação não se repetirá no Brasil, porque a tecnoburocracia não dará condições para tanto".



"Agora não tenho a menor importância. Sou apenas o pai do Chico"